

v. Galdino Moreira

1.ª edição

A MAÇONARIA
E O
CRISTIANISMO





HS 495 .M67 1949
Moreira, Galdino.
A Mapconaria e o
Cristianismo



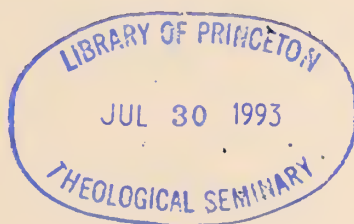
A MAÇONARIA E O CRISTIANISMO

Réplica a

Mário Amaral Novais

pelo

Rev. Galdino Moreira



1949

"CASA LYRA EDITORA"

SÃO PAULO

Réplica a

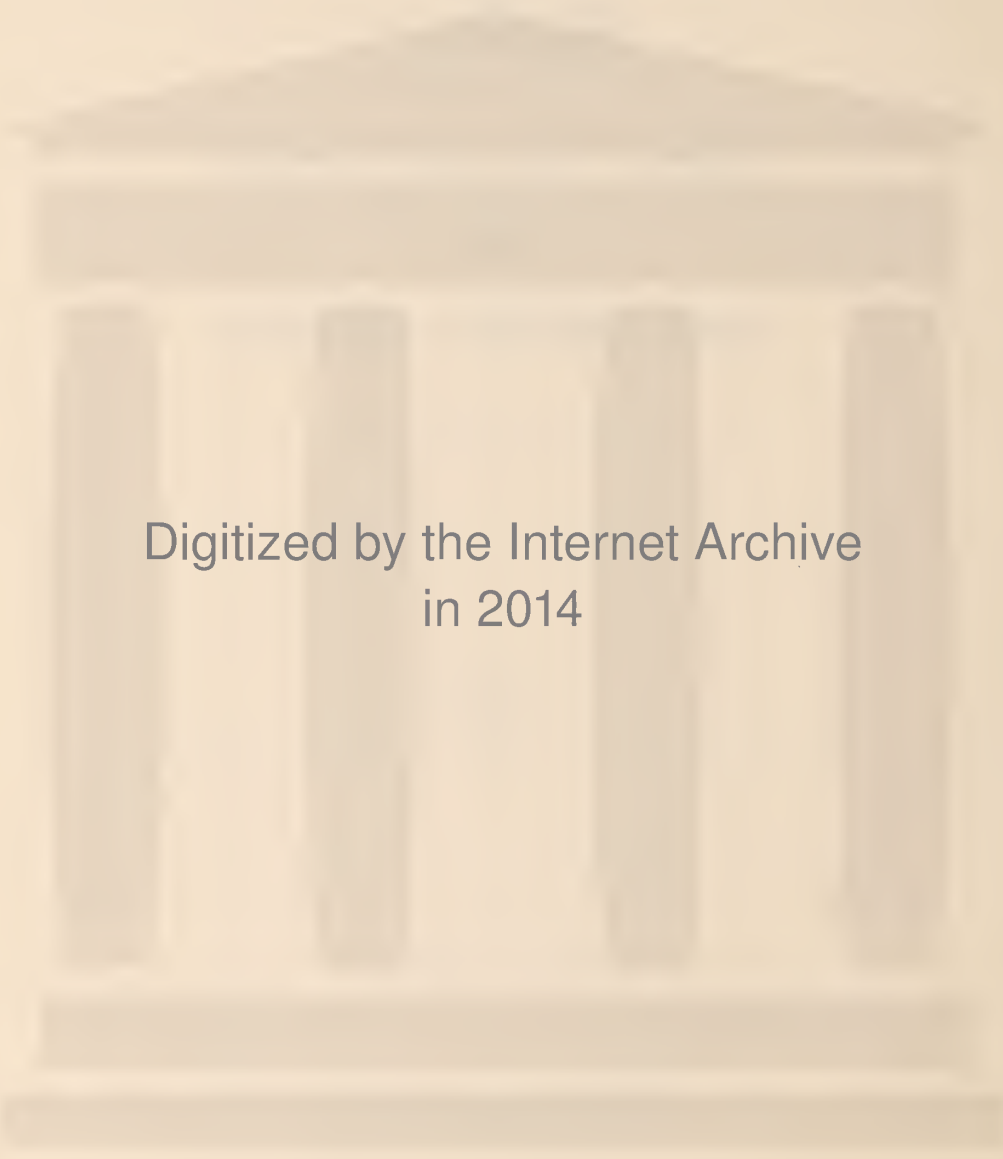
Mário Amaral Novais

pelo

Rev. Galdino Moreira

5791

Livraria LEIA Editora
Rua Riachuelo, 196 - Subsolo
Tel. 34-2277 - Cx. Postal 7129
SÃO PAULO



Digitized by the Internet Archive
in 2014

<https://archive.org/details/maconariaeocrist00more>

“UMA OBRA PRIMOROSA”

CARTA ABERTA AO SR. MÁRIO AMARAL NOVAIS

(RÉPLICA)

Senhor:

Mãos amigas acabam de enviar-me um exemplar do nobre órgão oficial da ilustre Igreja Presbiteriana Independente do Brasil — “O Estandarte”, edição de 30-3-1948, por cujas colunas o senhor me dirige longa, exhaustiva e tremendíssima “Carta Aberta”, a propósito de recente “Apreciação” que tive a honra de fazer à obra primorosa do Rev. Prof. Jorge Buarque Lyra, sob o título — “A Maçonaria e o Cristianismo”, e pelo talentoso autor publicada no fim do ano passado.

Lí a sua carta, esparrimada por oito páginas compactas de “O Estandarte”, aliás dignas de uso mais edificante e útil. A impressão que sua missiva trouxe ao meu coração de humilde cristão, pastor e servo de N. S. Jesus Cristo, foi das mais penosas. Porque a sua missiva não tem objetivo construtivo ou esclarecedor, não tem finalidade elevada. O senhor se esforçou desesperadamente, nessa “Carta Aberta”, em realizar uma única e exclusiva obra — depreciar-me, e ao Rev. Lyra, colocando-nos na ridícula situação — ou de cretinos, ou de ignorantes, ou de hipócritas. Tudo quanto o senhor ajunta como preteusa argumentação foi para chegar, em síntese, a esta diabólica e maldosa finalidade: — “O Rev. Galdino, cristão, é contra o próprio Rev. Galdino, maçom; o Rev. Galdino, cristão, é contra o Rev. Jorge Lyra, maçom; o Rev. Jorge Lyra, maçom, é contra o Rev. Galdino, cristão; o Rev. Jorge Lyra, cristão, é contra o próprio Rev. Jorge Lyra, maçom. Os dois Reverendos contradizem-se um ao outro e cada um se contradiz a si próprio.” Em síntese, repito, toda a sua “Carta” girou em torno dessas conclusões.

Tudo isto, na verdade, senhor Mário Amaral Novais, é uma dolorosa falta de verdade, é triste quebra flagrante do 9.º mandamento da Lei de Deus, exarada em Exodo, capítulo 20, como mais adiante mos-

Nota necessária:

O presente artigo foi escrito e enviado à redação da folha presbiteriana independente “O Estandarte”, na data que traz o original do Rev. Galdino Moreira, em resposta a um artigo do Sr. Mário Amaral Novais que, no dito jornal atacara o autor gratuita e violentamente.

Não querendo a folha presbiteriana independente publicar a resposta do Rev. Galdino, evidenciando destarte a sua imparcialidade *sui generis* e a sua probidade jornalística às avessas, resolvemos inserir em nossa 2.ª edição desta obra, na íntegra, o trabalho do nosso irmão e colega, que também foi amplamente divulgado por nós em milhares de folhetos.

JORGE LYRA

trarei. E que é que prova a sua arenga tôda? Nada prova, mesmo admitindo, apenas para argumentar, que eu e o Rev. Lyra somos uns pobres débeis mentais, uns contraditores de nós mesmos, uns coitados que estamos a nos entestar um contra o outro. Porque, exmo. senhor, nada disso prova contra a tèse que o Rev. Lyra quis defender, na sua obra: — “A Maçonaria não é incompatível com a profissão da fé evangélica.” O “fato”, admita-se para discussão, de que somos — êle e eu — uns pobres contraditores, não prova nada, nem a favor nem contra a Maçonaria! Logo, a sua “Carta” foi sem objetivo, não realizou elucidação nenhuma e apenas evidenciou a sua fraqueza de “inimigo” DERROTADO. O senhor devia era ter tomado a obra do Rev. Jorge Lyra e mais a minha modesta “Apreciação” favorável a ela e, com boa-fé e coragem, se, pudesse, tentar destruir os nossos ARGUMENTOS, um por um, os meus e os do Rev. Jorge. Isto, sim, seria digno de respeito. Mas, o senhor, não podendo derrubar a granítica e poderosa argumentação do livro do Rev. Lyra, inventou uma saída: — achincalhar, depreciar e desmerecer a idoneidade mental do Rev. Jorge e a minha.

O primeiro impulso muito humano que tive, lendo a sua “Carta”, foi de repugnância e de desprêzo. Foi o de pegá-la e atirá-la bem no fundo de uma cesta que uso para papéis inúteis. Mas, anotando que o senhor se diz crente, e, dessarte, meu possível irmão em Cristo; tendo em vista a dignidade do jornal que editou a sua “Carta”, sob todos os títulos, órgão respeitável do evangelismo nacional; considerando a necessidade moral inadiável de desfazer entre os leitores de “O Estandarte” a péssima impressão que o senhor tentou dar a meu respeito e a respeito do Rev. Jorge B. Lyra, — resolvi ler de novo a sua “Carta” e, depois de aqui esclarecê-la com humildade e franqueza — e Deus sabe que digo a verdade e não minto — DEVOLVÊ-LA CRISTÃMENTE AO SENHOR, porque não posso guardar comigo êsse documento nem posso constrangidamente manter o meu respeito para com um presbítero ou irmão na fé em Cristo Jesus — como me informam que o senhor se declara em nosso meio evangélico — sem cumprir pesarosamente a Escritura, que me ordena a “responder ao insensato conforme a sua insensatez, para que êle não seja sábio aos seus próprios olhos” (Proverbios. 26:4). Devolvo-lhe cristãmente a sua “Carta Aberta” porque ela é FALSA em todos os pontos em que me assalta e assalta o Rev. Jorge Lyra. É uma “Carta” que acusa de graça, calcada em incoerências, na prêssa em concluir e sem senso algum.

Passo às provas.

PRIMEIRA OBSERVAÇÃO

O senhor abriu a sua bateria contra mim com a informação de que me contradigo, porque em certa ocasião condenei a entrada de crentes no Partido Comunista por nêle se exigir *juramento* e, na minha "Apreciação" à obra do Rev. Jorge Lyra, já admito *juramentos maçônicos*.

Respondo-lhe:

Sua acusação acima, exmo. senhor Mário Amaral Novais, não tem base; não é sincera, não é justa, não é verdadeira. Se o senhor citar, em *qualquer* obra ou escrito meu, em *qualquer* tempo, que eu haja ensinado ou afirmado que QUALQUER espécie de juramento, e sob QUALQUER matéria ou forma, é ilícito para o crente evangélico, é proibido, é inadmissível, então, a sua prova acima é justa, e eu terei de curvar-me ante minha debilidade mental, contradizendo-me a mim próprio. Mas, o senhor NUNCA poderá citar semelhante ensino meu, em lugar algum, em tempo algum. Ao contrário. Em "Lições Dominicais" que tenho escrito, desde 1932 até 1947 (1.º trimestre), em obras minhas de doutrina, em artigos meus vários e esparsos, e no próprio texto que o senhor citou, tenho afirmado, ensinado e doutrinado, com as Escrituras, e com "Confissão de Fé", cap. 22, que há juramento LÍCITO e admissível e há juramento ILÍCITO e inadmissível ao crente. Nos dois casos que o senhor citou, não me contradigo. Porque, se condenei e condeno o juramento exigido pelo Partido Comunista, dei a seguir a razão, e lá está nas próprias palavras que o senhor copiou e tresleu: "É juramento DE SUBMISSÃO ao Partido... é ENTREGA a ele da CONSCIÊNCIA CRISTÃ, que só pertence a N. S. Jesus Cristo." É, pois, juramento ilícito, na forma e no fundo. Ora, no caso das JURAS maçônicas (foi até a frase que usei, e o senhor citou), não há ilicitude, pois aí não se exige nada contra a consciência cristã; ao contrário, a Maçonaria estipula, constitucionalmente, *absoluto respeito à consciência do homem*. Os juramentos maçônicos, veja bem, exmo. senhor Amaral, eu até os igualei com os que há admissíveis no Estado, na Família e na própria Igreja! O senhor mesmo copiou essas palavras minhas! Será que a Igreja Cristã permite na sua vida privativa, peculiar, interna, o uso de juras, de compromissos de honra, ou de votos cristãos, como os liá, inadmissíveis? Ilícitos? Proibidos pela Palavra de Deus? Absurdo. Ora, se eu igualei os JURAMENTOS maçônicos a tais juras, é claro, é evidente, é curial que eu admito, admito mesmo,

como maçon e cristão, que há na Maçonaria e na Igreja e na Família e no Estado *juramentos* LÍCITOS e compatíveis com a profissão de fé cristã. Logo, quando o senhor uniu temas *diferentes* como *iguais*, quando o senhor não *distinguiu* o que eu próprio *distingui*, quando o senhor não *separou* o que eu *separei* e *separo*, quando o senhor tomou o que eu disse ser ILÍCITO com o que eu disse ser LÍCITO, quando o senhor agarrou o *preto* e o *branco* e pôs tudo numa côr única, o senhor fez de duas uma — ou má fé deliberada, ou tremenda prêssa leviana em concluir, fôsse como fôsse... O *juramento* comunista é *ilícito*. O *juramento* maçônico é *lícito*, pelo menos assim o encaro como cristão, pastor e pregador do Evangelho, *porque eu jamais estaria no meio maçônico, se a Maçonaria exigisse de mim qualquer juramento ilícito*. Fique sabendo disto para sempre, senhor Mário Amaral Novais. Nunca fiz *juras* ILÍCITAS em lugar algum. Repilo, pois, a sua primeira punhalada, e punhalada que o senhor me deu de graça e pelas costas.

SEGUNDA OBSERVAÇÃO

Logo a seguir, o senhor me enfiou nova punhalada gratuita. Pois o senhor citou trechos de certa Lição Dominical (1947), escrita por mim, na qual condenei vivamente as reservas, os segredos e a *falta de publicidade* nos assuntos referentes “ao Culto de Deus... à Fé, ao Evangelho, à vida eclesiástica, à propaganda da Religião de Cristo”. Perfeitamente. Depois, tenta colocar-me em litígio comigo mesmo, porque admito reservas, segredos, matérias privativas e particularidades na Maçonaria.

Respondo-lhe:

O senhor cometeu neste caso uma falta grave, a qual destrói por completo a sua comparação. É esta. No primeiro trecho, *condeno* segredos na *Religião*, no *Evangelho*, no *Culto Cristão*, em matérias eclesiásticas. No segundo, *admito* segredos na *Maçonaria*. Diga-me: Maçonaria é Culto? É Religião? É Evangelho? É sistema eclesiástico? Não. Não é, nunca foi. Logo, as duas cousas são *diferentes*, são o reverso uma da outra! Releia os trechos mesmo que citou e misturou, e verá que os termos aí se explicam por si! Pois seria eu um louco se condenasse segredos, reservas, particularidades privativas que existem na vida, nas sociedades e nas relações humanas. Segredos, particularidades privativas, íntimas, e assuntos *pessoais* ou de grupos, sempre houve. O senhor os tem, eu tenho, toda gente tem. A Maçonaria

adota mesmo segredos e particularidades em alguns assuntos doutrinários, disciplinares, internos e *privativos de seus associados*, nos quais não há nada ILÍCITO nem contra a consciência cristã ou a dignidade individual, conforme dou testemunho de ciência própria. Logo, esta acusação do senhor, feita sem pé nem cabeça, *sem distinguir o que foi e é distinto*, é nula e clamorosamente falsa. Não procede.

TERCEIRA OBSERVAÇÃO

O senhor me pergunta se eu concordo com as *orações maçônicas, nos termos admitidos pelo Rev. Jorge, em sua obra, págs. 131, 117 e 123*. E o senhor se apressa a responder-me, citando minha nota em Lição Dominical, 1937, onde eu digo: "NOSSAS orações só devem ser feitas em Nome de Cristo."

Respondo-lhe:

Não posso concordar com o ensino *truncado, mutilado, espatifado e sonogado* que o senhor põe à conta do Rev. Lyra. Onde o Prof. Jorge usa *25 páginas compactas, sérias e explícitas, desde a de número 110 até 134, com centenas de linhas coesas*, na explanação das orações maçônicas (chamadas assim), o senhor usou apenas *3 citações, com 14 linhas, em tópicos separados e completamente fóra dos contextos do autor!* Com esta horrível e feia macaqueação da doutrina em lide, senhor Amaral, eu não concordo, nem podia concordar, POIS É FALSIFICAÇÃO. Mas, concordo com a explicação dada pelo Rev. Lyra, em sua obra, desde a página 110 até 134, sem cortes. Desafio-o a publicar todo esse trecho, se o senhor deseja ser homem de bem e próbo de atitudes. A explicação do assunto em lide, dada na obra do Rev. Lyra, *na sua íntegra*, é teologicamente exata, certa e bíblica, e o senhor não é homem, nem aqui nem na China, para rebatê-la. Faça isto primeiro, e volte, para merecer consideração. Porque, senhor Amaral, pelo seu método de cortes e *furtos* de contextos e de textos, prova-se tudo, até que a Bíblia afirma, de pés juntos, "que não há Deus" e "que Jesus não é divino..." Os ímpios têm usado isso, exatamente, exmo. presbítero Amaral, pelo SEU *processo-ladrão*. Será que o senhor virou ímpio também? Deus não deixe que tal continue a acontecer! Publique na íntegra o debate do Rev. Lyra. Sem isto o senhor não pode merecer atenção neste ponto.

QUARTA OBSERVAÇÃO

O senhor diz em seguida que o Rev. Lyra admite na Maçonaria, em sua obra, págs. 76, 119 e 176, a *salvação pelas obras*, e que eu, em uma Lição Dominical de 1937, não admito tal cousa. E, dessarte, conclue o senhor, eu elogiei uma obra *heterodóxa* e me contradigo.

Respondo-lhe:

Não é exata a acusação. O senhor cometeu aqui a mesma falta grave já evidenciada na “Terceira Observação” acima, isto é, *muti-
lação* e roubo do pensamento do Rev. Jorge. O senhor citou 3 *páginas
esparças e fóra dos contextos*, ou 17 *linhas*, onde o Rev. Lyra tem 100 *páginas* elucidativas do assunto, as de números 76 a 176! Nêsses longos períodos o Rev. Jorge explica com segurança o tema em apreço; o não há *absolutamente* contradição entre êle e mim, nessa forma completa do assunto. Repto-o, pois, a publicar as páginas tôdas citadas acima — 76 até 176, e desde já lhe declaro que, se o não fizer, demonstrará a sua falta de probidade cristã. Não se acusa a ninguém dêsse modo, seuhor Amaral. É surpreendentemente estarrecedora semelhante atitude, própria só de ímpios.

QUINTA OBSERVAÇÃO

O senhor diz depois que “eu SEI que há *imágens* na Maçonaria” e que “o Rev. Lyra ADMITIU e CONFESSOU isto em sua obra”. E me põe contra o Rev. Lyra e contra mim mesmo, citando trecho de minha Lição Dominical de 1937, onde condeno os *ídoles* e a *idolatria* em termos formais e conservadores.

Respondo-lhe:

O senhor falta com a verdade, nesta acusação, três vêzes numa só vez. Primeiro, eu não SEI que haja *ídolos* ou *imágens* na Maçonaria. SEI que NÃO há. Na Maçonaria há *símbolos*, mas nenhum dêles, um só ao menos, é usado com fins de adoração ou culto religioso. *Símbolos*, senhor Amaral, não são proibidos pela Escritura; e sim, *ídolos*, *imagens*, *representações*, *figuras* e *símbolos para fins de culto religioso*. Foi isso o que eu condenei e condeno. Segundo, o Rev. Jorge não ADMITE nem CONFESSA haver *ídolos* e *imágens* na maçonaria. Ao contrário, repele tal acusação, com veemência, em sua obra, em inúmeros lugares, especialmente em páginas 50, *in fine*, 107, 110, 178 e, em tôda

a “Quinta Parte” do seu livro, onde êle explana o simbolismo maçônico desde página 297 até página 396 — CEM (100) PÁGINAS! Terceiro, o senhor quis *provar* uma doutrina, *atribuída* ao Rev. Jorge, pelo seu método confuso de MISTIFICAÇÃO dos textos do autor. De fato. Onde o Rev. Lyra usa, no mínimo, 150 *páginas*, nas quais estuda e *recusa* a acusação de haver *idolatria* no sistema, regime e ensino maçônicos — (vimos isto linhas atrás) — o senhor desencava, em lugares desconexos do autor, APENAS uns trechinhos de 4 *páginas* com APENAS o total de 15 *linhas*! Use o senhor o remédio já receitado nas “Observações” anteriores, publicando *na íntegra* o pensamento do Rev. Lyra, se deseja merecer qualquer acatamento dos homens de bem. E, mais esta vez, o senhor acusou em falso.

SEXTA OBSERVAÇÃO

Apunhalou-me de novo o senhor, em reprovável emboscada, quando me citou, na “Apreciação” que fiz à primorosa obra do Rev. Jorge, e onde eu digo, em síntese: “A Maçonaria é um FRUTO do Cristianismo. *Voluntariamente* ou não, ela ENCARNA NO SEU IDEAL MAÇÔNICO — (o de fazer ao próximo o maior bem, explico) —, o Cristianismo de Cristo.” E, a seguir, o senhor diz que, todavia, o Rev. Prof. Jorge Buarque Lyra e outros informam que a Maçonaria SE ORIGINOU de mistérios antigos e de crenças pagãs.

Respondo-lhe:

Sua acusação, também nesta parte, não me atinge, nem de leve. Bem conheço e admito quanto o senhor citou sobre as ORIGENS da Maçonaria, na sua GRANDE PARTE; sei que ela recebeu muita coisa do paganismo, ao nascer. Mas, a minha afirmação, que o senhor também copiou, não trata das ORIGENS da Maçonaria e sim do IDEAL MAÇÔNICO na sua vigência, do *fruto* maçônico! Eu escrevi: “A Maçonaria é o FRUTO do Cristianismo... Porque, o que encarna o IDEAL MAÇÔNICO não é nada senão CONSEQUENCIA (o contrário de ORIGEM, não é Verdade?) do Cristianismo de Cristo, *consequência voluntária ou não dele*.”

Vê a diferença, senhor Amiral, e diferença como entre água e vinho? Algumas ou grandes ORIGENS da Maçonaria são pagãs. Certo. Mas, na Maçonaria, assim *originada* remotamente, existe um IDEAL cristão, uma *influência* cristã, um *fruto* cristão, uma *consequência* cris-

tã, voluntariamente ou não. É o *fato*. Pouco importam as *origens* pagãs da Maçonaria. O que ela chegou depois a ser e agora é — encarna o *fruto* do ideal Cristão. Sim, a Maçonaria começou pagã, e com isto concordo plenamente. Mas, não ficou no paganismo. Evoluiu, cresceu, corrigiu-se e acabou recebendo, no tempo próprio, tal influência do Cristianismo, que o *ideal maçônico* hoje é FRUTO do Cristianismo, quer queira ou não o senhor Amaral. Ora, eu tratei do FRUTO e o Rev. Lyra das ORIGENS. Este falou sobre o INÍCIO remoto da Maçonaria; eu falei sobre a Maçonaria existente. Onde a contradição? Onde o conflito? Onde a incoerência? Não vê, senhor Amaral, que aí estão duas causas absolutamente *separadas e diferentes*? Vou exemplificar, para esclarecer. Eu digo que eu tive ORIGENS RELIGIOSAS pagãs, romanistas, mundanas, sem fé e sem Deus. Minhas *origens* espirituais foram péssimas, em religião. Mas, acabei recebendo a INFLUÊNCIA benfeitora do Cristianismo de Cristo e hoje sou um FRUTO desse Cristianismo, uma INFLUÊNCIA dele, uma CONSEQUÊNCIA dele. Está certa a frase ou não? Está. Perfeitamente certa. Pois o caso, em que o senhor Amaral me achou em briga com o Rev. Lyra, é idêntico, é igual, é do mesmo sentido! As ORIGENS da Maçonaria, em grande parte, são pagãs, afirma o Lyra. A Maçonaria, hoje, querendo ou não, pouco importa, é FRUTO do Cristianismo no seu *ideal Maçônico*, declarei eu. Onde o conflito? Onde a contradição? Onde o absurdo? Não existe. Logo, ainda neste ponto o senhor falta com a verdade.

SÉTIMA OBSERVAÇÃO

O senhor Amaral procurou, a seguir, acusar-me e ao Rev. Lyra, com uma “esmagadora” e tremenda *estatística*. Resumo assim, em síntese, esta punhalada do professor Amaral: “O Rev. Galdino, decerto impressionado com o *volumão* da obra do Rev. Lyra, um livro imenso de 28 x 19 cts., afirmou que nêle o Rev. Jorge respondeu “ao pé da letra” — argumento por argumento, tese por tese, acusação por acusação e cita por cita à obra do Rev. Eduardo. Mas, isto não é fato, 1º, porque o livro do Lyra, na parte genuinamente *controversa*, só tem 148 páginas, ao passo que o do Eduardo tem 218 páginas; 2º, porque mesmo dessas 148 páginas do Lyra temos que tirar 73, citações do Rev. Jorge, tiradas da obra do Rev. Eduardo, ficando de saldo menos de 100 páginas, ou sejam exatamente 75 páginas, unicamente; 3º, porque, na realidade o Lyra não comentou as teses e os argumentos do Rev. Eduardo em 127 páginas, que, assim, ficaram intátas no livro do Rev. Eduardo.” E’ a acusação.

Respondendo-lhe:

Em primeiro lugar, é de se recusar *in limine* a simplista comparação que o senhor Amaral acima estabelece entre as duas obras em apreço, porque peca pelo absurdo. Como simples matéria de fato, não é possível comparar o *tamanho* e, conseqüentemente, o *valor das páginas em si*, em quaisquer edições, dos dois volumes, pois o livro do Rev. Lyra é do *tamanho* — 28 x 19 e o do Rev. Eduardo (3.^a edição, 1945) é do *tamanho* 18 x 13; aquêle, no total, contém 581 (QUINHENTOS E OITENTA E UMA) páginas e o do Pereira, o referido acima, apenas 169 (CENTO E SESSENTA E NOVE) páginas. E o livro do Lyra vale, em *cada página*, cerca de *página e meia* da obra do Eduardo. Logo, não é possível a comparação feita nua e crua, sem relação proporcional, entre as duas obras, como fez o senhor Amaral.

Em segundo lugar, o senhor Amaral fez a comparação limitando-a “à parte genuinamente controversa” da obra do Rev. Lyra. Concorde; e, para ser justa a *igualdade* do exame, também se há de tomar “a parte genuinamente controversa” do Rev. Eduardo. Pois bem. O senhor Amaral dá para o Lyra só 148 páginas, *nêsse caráter* (as de 52 a 196) e para o Eduardo 218 páginas. Isto, porém, não é exato. O Rev. Lyra tem as páginas 52 até 196 *diretas* contra o Eduardo e ainda a êle responde, mediante notas remissivas, no rodapé e no corpo da obra, nas respostas dadas a Egg, Brown e Bertrand (de 199 até 295), como é de fácil verificação. O Rev. Eduardo tem apenas *como parte controversa* as páginas de 51 a 138 e mais 149 a 151, ou seja o total de 90 páginas controversas, na 3.^a edição, que é completa, e que temos à mão. Logo, o senhor Amaral foi incorreto nesta informação e injusto, portanto, nas conclusões.

Em terceiro lugar, não é exato *absolutamente* que o Rev. Lyra não haja respondido TÓDAS as teses e acusações do Rev. Eduardo, feitas no seu livrinho ou folheto. Respondeu, sim. NOVE foram as teses, NOVE foram as acusações do Eduardo; pois NOVE foram as contra teses e NOVE as defesas do Rev. Lyra à obra eduardense. É só ver, quem quiser, as páginas já mencionadas — 52 a 196 e ainda as páginas nas quais êle responde a Egg, a Brown, a Bertrand, ou sejam as páginas — 199 até 295, na sua primorosa obra. É inverdade chocante a acusação do senhor Amaral ainda nesta parte de seu leviano libelo.

Em quarto lugar, o senhor Amaral foi ridículo e infantil. Se é *matematicamente* certo, como diz (e admito o argumento só para discutir) que o Lyra usou em suas 148 páginas controversas de 75 páginas só para cópia do Eduardo; se *deixou de fóra e sem resposta* 127

(CENTO E VINTE E SETE) páginas eduardianas, chega-se à conclusão absurda. *A parte genuinamente controversa do Eduardo, na 3.ª edição de sua obra, tem 90 páginas. Tirando-se, destas, 73 páginas, que o Lyra copiou e respondeu, ficam apenas de fóra e sem resposta 17 (DEZESSETE) páginas. Onde, pois, foi o senhor Amaral achar as tais 127 (CENTO E VINTE E SETE) páginas em 17 (DEZESSETE)?!* Só um milagre será capaz de explicar tão supina matemática... Senhor Amaral, onde é que está o bom senso? Afinal, esta sétima acusação é também injusta.

OITAVA OBSERVAÇÃO

O senhor diz, em seguida, que eu me bato, na obra do Lyra, pela sã e legítima liberdade de discordar que os homens possuem; no entanto, elogio o Lyra, que não adota essa liberdade, pois é intolerante no modo de tratar os que não concordam com êle, dando-lhes epítetos fortes e até declarando que “quem é contra a Maçonaria — ou é jesuíta ou é ignorante.”

Respondendo-lhe:

Não há nessa acusação nenhuma justiça de sua parte, senhor Amaral. Primeiro, porque eu mesmo reconheci, no meu prefácio, que o senhor tenta comentar, o fato de ser o Rev. Lyra, às vezes, na sua obra, “contundente”, “enérgico”, “dinâmico”, “demolidor”, “inexorável” e “tremendo” para com os adversários, inclusive o Rev. Eduardo. Logo, o senhor choveu no molhado, porque eu já vira esta veemência do Rev. Jorge, em sua obra. *Isto, porém, não retira do seu livro o valor que eu julguei haver nêle, na argumentação, na defesa da verdade, no método de concluir.* Há mesmo pessoas que não podem suportar certas infâmias, inverdades, injustiças e asserções tão falsas, sem aplicar logo a isto os nomes certos, com tôdas as letras. São Paulo foi um dêsses. João Batista, idem. Cristo também. Paulo não tolerava os *maus* adversários, e até “cachorros” lhes chamou! Não é exato? Discordarmos das idéias alheias é uma cousa; mas, admitirmos cretinice no modo de se fazer isso, não é direito. Explica-se, pois, a justa violência de epítetos que o Rev. Lyra usou, no seu arrebatamento. Achei e acho explicável o FOGO do Lyra, e ressalttei isso na minha “Apreciação”, honestamente, quando eu disse: “A porção genuinamente controversa do livro do Rev. Jorge Lyra é, DE VERDADE, enérgica”, etc. Lá está a minha ressalva. Para que, pois, se sai o senhor Amaral com uma cousa que, dantemão, eu já havia elucidado, como se está verificando? Esta acusação, pois, não procede. Não tem cabimento.

Quanto à acusação de que o Rev. Jorge declare que “quem fôr contra a Maçonaria é — ou jesuita ou ignorante —”, repilo a injúria, repilo a infamante declaração, repilo enojado essa intriga que o senhor deseja fazer indiretamente contra mim e diretamente contra o Rev. Lyra. O senhor citou como prova as páginas 37, 217 e 310 da obra do Rev. Jorge. É sempre o mesmo tremendo método do senhor! Mutila o pensamento alheio, tira-lhe os contextos, corta-lhe o fio da meada, solapa-o de propósito e, depois, grita: “Está vendo? O senhor concorda com isto? É isto cousa direita ou digna?” Por êsse método, senhor Amaral, não há santo, não há justo, não há ninguém que escape de suas punhaladas pelas costas. Sou obrigado a exigir do senhor, em nome da probidade cristã e pela honra da gloriosa fé que ambos abraçamos e devemos honrar, sou obrigado a exigir que o senhor publique, *na íntegra*, sem tirar nada, as páginas 37, 38, 39 e 40; as páginas 217 e parte da 218, onde o Rev. Lyra explica a sua frase — “ou é jesuita ou é ignorante”, aliás bem aplicada, no caso, dentro do contexto; a página 310, no trecho central, onde começa: “A síntese dos objetivos”, até a frase — “bem público”. Diante desses trechos completos, os leitores verão que o senhor foi infelicíssimo nesta parte de sua acusação. O sentido das frases acima, ESCANDALOSAS, de fato, *sem outra explicação*, ali aparece cristalino, perfeito, justo, certo, bem acabado e dentro de restrições muito claras, fixadas pelo autor.

NONA OBSERVAÇÃO

O senhor ocupa depois duas páginas e meia de “O Estandarte”, citando trechos da obra do Rev. Jorge, com o fito de *provar* que êle trata *deshumanamente* os próprios maçons que dêle divergem. E cita uma fieira de nomes e de autores, contra os quais o Rev. Lyra ergue a sua pena veemente, às vêzes. E põe o Rev. Lyra contra o Lyra que, diz, com isto mostra falta da fraternidade preconizada por êle próprio para com os seus irmãos maçons em discordância.

Respondo-lhe:

Em primeiro lugar, o senhor continuou, nesta parte, a mesma fria e reprovável prática de desconjuntar os textos do Rev. Lyra, mutilar-lhe a argumentação completa, tirar-lhe um pedacinho escolhido a dedo aqui, outro ali, outro acolá, e, depois, fazer orgulhosamente, a acusação. Se o senhor não publicar sôbre CADA PESSÔA citada na sua “Carta Aberta” e sôbre cada AUTORIDADE renegada pelo Rev. Lyra,

TODAS as razões, que para isso éle apresenta, TÔDAS as declarações feitas por éle, o senhor não merece acatamento, nem respeito, nem consideração, porque, no caso, o senhor está procedendo de má fé e occultando a verdade integral que foi dita. O Rev. Jorge explica bem CADA UMA de suas recusas de tais autores, e o faz de maneira explicita; e as suas conclusões são legitimas e certas, embora, às vêzes, veementes, contra verdadeiras infâmias de alguns dos tais autores, atiradas à conta da Maçonaria. O chicôte do Rev. Lyra cái em cheio nos erros apontados, mas, nem sempre nos que erram. Às vêzes, cái em uns e outros, e nêsses casos, com absoluta justiça. A fraternidade não pode ser capa de caridade para gente que faz infâmias conscientemente. Cite, pois, TUDO o que o Rev. Lyra escreveu sôbre CADA caso, *sem excepção de uma vírgula*. E estou certo que, diante dessa nova informação, o seu aresto ou libélo não fica valendo nada, absolutamente nada, senhor Mario Amaral Novais.

Em segundo lugar, nos trechinhos que o senhor copiou em pedaços desconexos, repita-se, o Rev. Lyra provou, à saciedade, que os autores citados falaram PARTICULARMENTE e não com a autoridade legal, doutrinária e constitucional da Maçonaria. Déram opiniões SUAS, algumas mesmo absurdas, à luz do próprio sistema do maçonismo. Justo, pois, que o Rev. Jorge renegasse tal gente. Justíssimo. Fez o que devia.

DÉCIMA OBSERVAÇÃO

Imediatamente passa o senhor a acusar o Rev. Jorge Lyra é, indirectamente a mim, como elogiador *apressado* da obra jorgeana, porque, diz, o Rev. Eduardo, para debater a tése ANTI-maçônica, leu, enguliu e citou livros, autores e autoridades em quantidade igual a 33 (TRINTA E TRÊS) volumes ou documentos, ao passo que o Rev. Lyra apenas CITOU 9 (NOVE) volumes, embora apresente no fim de sua obra extensa bibliografia, da qual a maior parte nada tem a ver com a Maçonaria e seus ensinos.

Respondo-lhe:

Em primeiro lugar, esta sua acusação, senhor Amaral, péca pela falta de verdade. O Rev. Jorge leu, enguliu e applicou na explanação da sua tése, pelo menos, 84 (OITENTA E QUATRO) volumes, autores ou documentos, como éle os relaciona na *Bibliografia* mencionada no fim de seu livro. Se o senhor nega que éle leu e usou estas obras, CITADAS, muitas delas, como obras officiais ou reconhecidas pela Maçonaria, o senhor faz o Rev. Lyra um mentiroso. E com que autoridade

cristã néga gratuitamente o senhor aquilo que o seu irmão Lyra AFIRMA? É acusação injusta. É quebra do 9.º mandamento do Decálogo. O senhor não tem o direito de *negar* o que um seu irmão *afirma*, a menos que dê as provas de que êle enumera 84 (OITENTA E QUATRO) obras lidas, mas só leu mesmo umas 9 (NOVE). Isto é de estarrecer, senhor Amaral! Em segundo lugar, é falso que, excetuadas as 9 (NOVE) obras das 84 (OITENTA E QUATRO), que o senhor citou, as outras 75 (SETENTA E CINCO) não “interpretam a Maçonaria nem compreendem os seus ensinos”, como declara o senhor. Tôdas as outras — as 75 (SETENTA E CINCO), excetuadas 6 (SEIS), se não me engano, tratam da Maçonaria, de assuntos maçônicos. O senhor faltou com a verdade dolorosamente nêste alegado, e desafio-o a publicar a *Bibliografia* citada pelo Rev. Lyra no fim de seu volume, para que os leitores de “O Estandarte” vejam com seus próprios olhos a falta gravíssima que o senhor cometeu. Isto chega a arrepiar! Em último lugar, ainda há mais uma cincada no seu pífio argumento de depreciação do caráter alheio. Pois, o senhor mesmo, na sua “Carta Aberta”, com tôdas as letras, cita bom número de autores e de autoridades usadas pelo Rev. Eduardo, entre suas 33 (TRINTA E TRÊS) autoridades, e que também foram *mencionadas* e *discutidas* pelo Rev. Lyra! E o senhor mesmo até enumera páginas dêsse autor onde êle cita êsses livros! Entretanto, exceto 3 (TRÊS) de tais autoridades, o senhor não incluiu as demais na lista dos “únicos” 9 (NOVE) VOLUMES atribuídos ao Rev. Lyra! Logo, o Rev. Jorge leu mais de 9 (NOVE) autores, e CITOUBA mais de 9 (NOVE) autores, pela sua própria confissão é confirmação! E como é que o senhor não fica ruborizado nem lhe dóe a consciência quando falta assim com a verdade? NOVE (9) autores só!!! Senhor Amaral, arrependa-se dêsse feio pecado e rógue a Deus que lhe perdôe tão grave falta. Isto, para o bem de sua alma e do seu caráter. E, assim, também esta sua acusação cái por terra.

DÉCIMA PRIMEIRA OBSERVAÇÃO

O senhor encerra a sua catilinária terrível contra o Rev. Lyra, e indiretamente contra mim, apresentando mais de 2 (DUAS) PÁGINAS de “O Estandarte” com a coleção inédita de 12 (DOZE) CONTRADIÇÕES atribuídas ao Rev. Jorge Lyra, no seu primoroso volume. E me pergunta, ingenuamente, se a “minha memória cansada” esqueceu essas contradições, ou se eu não as vi e li.

Respondo-lhe:

Não tinha achado, antes dêste seu “notável” trabalho contra a obra jorgeana, contradição nenhuma. E quero afirmar-lhe aqui e agora, com tôdas as responsabilidades do meu caráter cristão, que examinei, *uma por uma*, as pretensas contradições que o senhor alinhou contra o Rev. Lyra, *e não achei, e não vi, e não consegui ao menos lobrigar, mesmo de longe, uma só e única das 12 contradições apresentadas!* Não há tal coisa no volume do Rev. Lyra, absolutamente, não há.

Achei, sim, três infelicidades suas. Primeira, o senhor — ou não sabe ler, ou lê e de propósito faz obra de má fé. Segunda, o senhor, neste ponto. — como sempre faz na sua “Carta”, — continua mutilando os textos, eliminando os contextos e citando o autor a prestação, a dedo, como colcha de retalho, misturando alhos com bugalhos e juntando *branco com preto*. Assim, o senhor vai achar contradição até na Bíblia! Não escapa nada, ninguém! Terceira, o senhor revela só uma vontade — achincalhar, menoscabar, depreciar. Três infelicidades, senhor presbítero Amaral, que o estão levando à beira de grandes abismos... Volte a tempo dêsse caminho, emende a mão e arrependa-se!

Mas, vejamos, em síntese, e só para amostra, as 12 *contradições*.

Vamos à 1.^a, que o senhor atribue ao Rev. Jorge. Este amigo faz referência ao fato de que a *Maçonaria* não alicia adeptos, não faz *propaganda de catequêses* (ou *sectarista*), não apresenta *lucros* nem *arresta* ninguém ao seu meio (Lyra, págs. 83, 201-203). Depois, em págs. 465 e 473, falando dos *máus maçons*, *maçons* indesejáveis, explica que o esforço de muitos *maçons* em ver o *aumento* das Lojas, quase sempre, os leva a tolerancias que, mais tarde, dão mau fruto; e, NOTE-SE, CENSURA certas alas dissidentes de MAÇONS *que, desejosos de engrossar a Maçonaria, ADMITEM nela elementos indesejáveis* (Lyra, pág. 473). Onde a contradição? De um lado, declara o Rev. Jorge que a *Maçonaria*, a *Instituição*, não faz propaganda de *catequese* (ou *sectarista*) e sim só recebe adeptos espontaneamente. De outro, condena, não a *Maçonaria*, veja-se bem, mas MAÇONS *tolerantes* e que ADMITEM (note-se!), ADMITEM em Lojas elementos indesejáveis ou que se revelam tais mais tarde. Onde a contradição? É o mesmo que se dá, *mutatis mutandis*, com a Igreja Evangélica, que, por exemplo, como *Igreja*, como *Instituição*, está acima e fora de Partidos Políticos e não faz política; todavia, *crentes* aos milhares há que, dentro das Igrejas, fazem política partidária e entram em Partidos Políticos. Há nisto contradição? Absolutamente, não há. As duas coisas são separadas — a *Instituição* em si e atos de seus *membros*. *Maçons* há que fazem

propaganda, até *sectarista*, e creio que alguns a fazem mesmo. Mas, a *Maçonaria* não faz e até *censura* quem faz tal cousa, como vimos no próprio texto do Rev. Jorge! Logo, não há contradição nenhuma neste ponto.

Vamos ver a 2.^a contradição. O Rev. Lyra, em págs. 50, 63 e 167, diz que a *Maçonaria* ORTODOXA não admite *ateus* no seu seio. E em págs. 285 e outras, que o senhor Amaral cita, o Rev. Lyra informa, e CONDENA, que há e tem havido dissidências na *Maçonaria*, Lojas corrompidas e heterodóxas, Lojas materialistas e com ritos positivistas, onde entram até *ateus disfarçados*. Onde a contradição? Não há. É o mesmo que acontece no meio protestante. Há o Protestantismo ortodoxo, fiel, conservador, como há um protestantismo dissidente, agnóstico, racionalista, modernista e semelhantes. Mas, que culpa tem o legítimo Protestantismo de haver essas anomalias no mundo? E que culpa tem a *Maçonaria ortodoxa* de haver erros e dissidências maçônicas no mundo? Não, senhor Amaral, não há contradição nenhuma do Rev. Lyra neste ponto também.

A 3.^a contradição é quase igual à 2.^a. O Rev. Lyra diz que a *Maçonaria* não é “viveiro de racionalismo” (pág. 53). Depois, informa que a *Maçonaria* admite em seu seio racionalistas e todos os credos, exceto o ateísmo, “*porque ela não é religião, e não é responsável pela crença particular de qualquer dos seus agremiados*” (Pág. 167). Ora, se cada *maçon*, em fé, em crença, em religião, não interfere na vida e na ação da *Maçonaria*, pois a crença de cada um é *particular*, é *sua*, e não dá responsabilidade da *Maçonaria*, claro é que esta nem endossa nem desaplaude a *fé pessoal* de seus adeptos, e, assim, *dentro da Maçonaria pode haver e há racionalistas, mas, eles não são a Maçonaria*. Eu, por exemplo, sou funcionário público (Inspetor Federal do Ensino) e tenho de viver relacionado com dezenas de pessoas com fé, credos e idéias diferentes, até ateus, dentro do Ministério da Educação e Saúde; aí cada um pode manter a crença ou descrença que quiser, *em particular*, mas, nunca com o endosso do Ministério. Posso, pois, dizer, sem contradição: “O Ministério da Educação e Saúde, como tal, não admite *racionalistas* nem ateus, mas há, nele, muitos *racionalistas* e *ateus*, isto é, funcionários que sob sua única responsabilidade *particular*, são *racionalistas*, ateus, etc. Onde a contradição? Não há.

A 4.^a contradição atribuída ao Rev. Lyra é esta. Em pág. 197, esse autor diz que a opinião de padre é suspeita; e já em outras págs. (152, 429-431), cita a opinião de vários padres. Lendo-se os lugares apresentados, vê-se que o senhor Amaral fez das suas — desprezou o *sentido* do texto. No 1.^o caso, o Rev. Lyra diz que a opinião de padre é sempre suspeita, *quando afirme que a Maçonaria é Religião*. Perfeitamente.

Já nos outros lugares, ele se refere a padres *maçons*, o que já faz diferença capital, no caso; e cita-os, para mostrar o aprêço que acharam na Maçonaria e que a reconheceram como não sendo Religião. O pensamento é claro. Padre não *maçon* e da Maçonaria até adversário não tem autoridade para negar ou afirmar o que não sabe, visto não estar na Maçonaria nem saber o que ela é e faz. Padres *maçons*, êsses, sim, são autoridades em assuntos *maçônicos*, pois, se ingressaram na associação, foi por tê-la achado compatível com a sua crença particular. Onde a contradição? Não há.

Vamos à 5.^a clivagem jorgeana. Diz o senhor Amaral que o autor, em págs. 201 e 397, afirma que a Maçonaria não combate a Igreja Romana nem a Religião Católica, e sim, *o jesuitismo e tôdas as suas manifestações e correntes*. E depois, em págs. 59, 410, 435, afirma o Rev. Lyra que “*os maçons e a Maçonaria combatem a IGREJA CLERICAL, intolerante, quando procede como os jesuitas, não como Religião, mas, pelo seu jesuitismo*”. Por amor de tudo quanto é clareza neste mundo, senhores, onde está a contradição, onde o conflito? As citas são de tal modo explícitas e nítidas, que dispensam explanações. Num e noutro ponto, diz-se uma só cousa: “A Maçonaria não combate a Religião Católica e sim o seu clericalismo intolerante e jesuítico.” Onde a contradição? Não há.

A 6.^a clivagem achada pelo senhor Amaral no livro do Rev. Lyra é de pasmar. O senhor Amaral cita págs. 324-326, onde o Rev. Lyra diz que o gráu 19 não foi CRIADO em homenagem ao Papa. E, em págs. 168 e 169, o Rev. Lyra argumenta de novo no sentido de provar que o gráu 19 *haja sido* CRIADO em homenagem ao Papa; e passa, como argumento, a fazer uma *concessão hipotética*, só para discutir, que SE o gráu 19 *tivesse sido* CRIADO em homenagem ao Papa — (SE... note-se bem!) — *explicar-se-ia* tal cousa como *isto e aquilo*, etc.; mas, *êste isto é aquilo* o Rev. Lyra *recusa a aceitar*! Onde a contradição? Não há.

Vamos à 7.^a clivagem. O Rev. Lyra, em pág. 166, não aceita o autor R. de Schio como “autoridade DE PESO”, o qual falou por *sua* conta e não da *Maçonaria* sobre o ponto em debate na página referida. Mais adiante, o Rev. Lyra, em pág. 446, argumentando e tratando de referir autor que é TIDO e *citado* tantas vezes como *grande* autoridade em assuntos maçônicos — (e porque o Rev. Pereira nêle se apoiou), — cita *também* êste autor, embora, para ele, Lyra, como se vê à pág. 166, o Schio não tenha *grande peso*. Onde a contradição, se é comum êste processo de se argumentar com as armas do próprio adversário? Foi o que fez o Rev. Lyra. Perfeitamente correto! Não há contradição nenhuma!

A 8.^a clivagem é que o Rev. Lyra, em págs. 56 e 99, diz que a Bíblia é aceita na Maçonaria; e em págs. 99 e 229, já lamenta que na Maçonaria a Bíblia não seja obedecida como devia ser, não seja conhecida como devia ser nem é tomada no mesmo papel que exerce na Igreja de Cristo. Onde a contradição? Aceitar a Bíblia, ou reconhecê-la, é uma cousa; não obedecê-la, outra. Uma idéia não briga com a outra. Não acontece isto, tantas vêzes, infelizmente, no próprio meio evangélico? Não há contradição, absolutamente.

A 9.^a clivagem é — que o Rev. Lyra nega haver imagens e idolatria na Maçonaria (Pág. 178); e em págs. 50, 299, 365 e 477 admite simbolismos na Maçonaria e até os explica. Onde a contradição? SIMBOLISMO nunca foi IMAGEM DE IDOLATRIA! A Bandeira Brasileira é símbolo, mas, não é imagem. A aliança de casados é símbolo, mas nunca foi nem é ídolo! Esse senhor presbítero Amaral tem cada uma, que só êle!

A 10.^a clivagem é — que o Rev. Lyra, em págs. 80 e 226, nega a tóda fôrça que haja na Maçonaria salvação pelas obras; e em págs. 119 e 176 já admite que os *maçons romanistas* aceitam essa doutrina. Onde a contradição? A Maçonaria não é religião, nem trata de doutrinas religiosas, deixando à liberdade de consciência dos seus adeptos a fé PARTICULAR de cada qual. Que tem uma cousa com a outra? O *maçon romanista* tem a SUA doutrina, como o *maçon protestante* tem a sua; nunca, porém, a MAÇONARIA. Não há clivagem neste ponto, portanto.

A 11.^a contradição é — que o Rev. Lyra admite, em págs. 77, 101, 126 e 370, que Cristo tem na Maçonaria lugar de honra e de destaque, e que sua moral é aceita e também as suas virtudes, e que seu Nome é respeitado pela Maçonaria; e, em págs. 101, 137 e 229, o Rev. Lyra admite também que o Cristo, reconhecido pela Maçonaria, apesar disto, não é estudado lá como devia ser; que *maçons* há que não O honram, mas, diz, “disto a Maçonaria não tem culpa, porque na Maçonaria não se prégam doutrinas religiosas específicas”. Onde a contradição? A MAÇONARIA aceita, honra e respeita a Cristo, mas, há MAÇONS que não O honram como devia ser. Onde a clivagem? Não há!

A última contradição é — que o Rev. Lyra, em muitas passagens de sua obra, recusa que a Maçonaria seja Religião; mas, em outros lugares, já admite que na Maçonaria se realizam certos ritos e atos de caráter religioso, de conceito religioso, de concepção religiosa. Onde a contradição? Pode-se fazer muita cousa que tenha um *cunho* religioso, um *conceito* religioso, uma *concepção* religiosa, sem se ter uma Religião. Os ateus e incrédulos, quando vão a Templos, tiram o chapéu, seguem os ritos aí em uso, acompanham os religiosos, mas isto não os

faz ter aquela Religião nem qualquer Religião. É claro. A Maçonaria, como já vimos, querendo ou não, recebeu como FRUTO muita coisa, muitas concepções do Cristianismo. Mas, não é o Cristianismo. Logo, não há contradição neste ponto também. O Rev. Lyra, aliás, elucida todos esses fatos com máxima franqueza, lealdade e lógica. Esta é que é a verdade, que o senhor Amaral não viu, não vê e não quer vê.

FINALMENTE

Encerrando a sua "Carta", o senhor Amaral me faz algumas perguntinhas de algibeira. A elas. Eis a primeira: "Concorda o senhor com o objetivo supremo da Maçonaria, tal como o propõe o Rev. Lyra e outros autores maçons?"

Respondo-lhe:

No campo da ação puramente social e terrena, da vida em sociedade e das relações humanas, *o que tudo é o campo exclusivo da Maçonaria*, como se vê das próprias frases que o senhor cita na sua "CARTA Aberta", nessa forma e dentro desses limites, concordo, e dou graças a Deus que ainda haja homens na terra DESEJOSOS de pôr em prática o 2.º preceito de Cristo: "Amarás a teu próximo como a ti mesmo." No campo humano e terreno, tudo o que concorrer para o bem social, dignamente, merece minha consideração e respeito e até louvor. A Maçonaria está neste caso exato, e eu a considero boa, *nesses limites*. Nunca pensou a Maçonaria em usurpar o campo espiritual, religioso, cristão e bíblico, o lugar da fé e do Evangelho. *Ela não é Religião*. Está satisfeito?

O senhor fecha a sua "Carta Aberta" pedindo-me colocar à sua disposição *as fontes puras do maçonismo* para o senhor escavar bem as verdades maçônicas.

Respondo-lhe:

Dou-lhe parabens por esse gesto. Assim, está certo. Ninguém deve acusar os outros sem estar seguro na acusação. Oxalá o senhor faça mesmo um exame-sério, sereno, cristão e imparcial das *fontes puras da Maçonaria*, isto é, das obras idôneas, legais e constitucionais, adotadas oficialmente pela Maçonaria, enfim, do seu *acervo oficial*. Mas, não é preciso que o senhor espere por mim, para obter luzes, podendo e devendo pesquisar por si mesmo, aí perto de sua mão, em Lojas e organizações oficiais maçônicas, *as fontes puras da Ordem*. O senhor já é grandezinho, maior, alfabetizado, certamente eleitor, tal-

vez pai de família, presbítero de Igreja, fazedor de "Cartas Abertas" e outras cousas... Bem pode cuidar por si mesmo de aprender — (*quererá mesmo?*) — tanto mais quanto o senhor próprio achia que eu já ando com o miolo mole e a memória cansada...

Faça-o!

E, termino.

Termino entristecido, mas sem mágoa nem ressentimentos. Espero que o senhor Amaral não repita nunca mais o seu método de acusar em falso ao seu próximo. E, no mais, que a graça do divino Redentor guarde, santifique e ilumine o signatário da "Carta Aberta" a mim dirigida com tanta rudeza e infelicidade, em "O Estandarte", de 30-3-948.

Rio de Janeiro, 12 de abril de 1948.

REV. GALDINO MOREIRA

Aquisição de cartas ASTE	
Ed. Pequena	
R\$ 40,00 -	
Data 7.10.47	
366:31	lap
m832m	

EDIÇÕES DA CASA LYRA EDITORA

(Autor e Editor — Rev. Prof. Jorge Buarque Lyra — Da Academia de Letras de São Paulo)

N.º DE ORDEM DAS EDIÇÕES

- 1 — "A Divindade de Cristo" (3.ª ed.) — Prefácio de Galdino Moreira.
- 2 — "100 Mensagens da Palavra de Deus" — 3.ª ed. melhorada e ampliada.
- 3 — "A Tríplice Maravilha do Homem e o Tríplice Ministério da Mulher" — Prefácio do Revdmo. Bispo César Dacorso F.º e de Genevieve Marchant.
- 4 — "A Liberdade de Consciência e o Ultramontanismo" (Conferência).
- 5 — "Verdades Solenes" ou o Arrependimento, a Vinda de Cristo e o Fim da Mundo — Prefácio de Eradice de Queiroz.
- 6 — "Horrores da Guerra e Esplendores da Paz" (Conferência).
- 7 — "Conselhas de Mestre" (Oração aos Moços).
- 8 a 11 — "Latim Ginásial Pelos Textos" (em 4 tomos, de colaboração com o Prof. Raymundo Cintra) — Prefácio de Frei Luiz de Santana.
- 12 — "Latim Sem Mestre" (Tomo do principiante).
- 13 — "Latinitas" ou Latim Sem Mestre, obra completa, para todo o curso de latim; em colaboração com o Prof. Dr. Luiz Barreto. Prefácio de José Bento de Assis e Vieira de Souza.
- 14 — "Histórias Que Ensinam a Ler" — De M. Conceição Nobre. Leitura do 1.º livro primário.
- 15 — "Pratesto" ou Razões contra os Presbíteros Sul de Minas e de Botucatu. (Distribuição grátis e exclusivamente para colegas e irmãos na Fé).
- 16 — "O Redentor da Humanidade" — Grande poema sacro-histórico.
- 17 — "A Mesa Batista" — Polêmica com a Rev. Dr. W. C. Taylor.
- 18 — "Celeste Moreira" — Vida e obras do A. e de Joaquim Nabuco. Sua recepção na Academia de Letras. Prefácio de Salamão Jorge.
- 19 — "O Romanismo à Barra do Evangelho" — Grande poema histórico e doutrinar sobre as prevaricações do Romanismo, à luz da Palavra de Deus. (Tomo I).
- 20 — "Quando a Musa Canta..." — Poesias líricas, patrióticas e religiosas. Tomo II. Prefácio da princesa da poesia brasileira — Maria de Lourdes Macedo.
- 21 — "Excelências do Cristianismo" — A mais substanciosa apologia da Religião Cristã.
- 22 — "As Joias da Cornélia" — Grande poema da Prof.ª D.ª Cecília R. Siqueira.
- 23 — "Um Capítulo das Excelências do Cristianismo" (folheto).
- 24 — "Discursos Acadêmicos" — Tomo II — Vida e Obras de Salamão Jorge.
- 25 — "Discursos Acadêmicos" — Tomo III — Vida e Obras do Revdmo. Bispo César Dacorso Filho e do Rev. Alvaro Reis.
- 26 — "A Maçonaria e o Cristianismo" — com réplica, ao pé da letra, ao livro — "A Maçonaria e a Igreja Cristã" do Rev. Eduardo C. Pereira e breve resposta ao de L. Bertrand — "A Maçonaria - Seita Judaica". "É a mais substanciosa defesa que se há escrito, até hoje, sobre a Subl.: Or.:., e, contém, autrossim, os argumentos mais fortes em favor da divina autenticidade do Cristianismo". Prefácio do Prof. Dr. Benedito P. M. Talozza, Grão Mestre do Gr.:. Or.:. de São Paulo, do Dr. Latino Escobar, Grão Mestre Adjunto do Gr.:. Or.:. de São Paulo, do jornalista Arnaldo B. Cristianini e do Revdmo. Bispo César Dacorso Filho.
- 27 — "A Cigarra da Norte" — Poesias líricas do festejado poeta pernambucano João Neves, irmão de Jorge Lyra. Prefácio de exponents da poesia brasileira — Maria de Lourdes Macedo — da Academia de Letras de São Paulo e Adauto Barreto — da Academia de Letras de Campina Grande. Obra de puríssimo sentimentalismo!
- 28 — "Os Hamens da Cruz Vermelha" — por Carlos Pinto de Almeida — sensacional obra romântica e histórica, com cerca de 800 páginas, contendo excelentes episódios da Maçonaria na Europa. (A Casa adquiriu os direitos de venda da última edição), pois esta obra não é edição da Casa.
- 29 — "Síntese Histórica da Maçonaria Universal" — por Arnaldo B. Cristianini. Excelente obra sintática dos lances e doutrinas mais importantes sobre a Subl.: Or.:. Maçônica.
- 30 — "Uma Obra Primorosa" (fascículo) da pena brilhantíssima do mestre Galdino Moreira, apreciando a obra — "A Maçonaria e o Cristianismo". Verdadeira jóia literária!
- 31 — "Uma Obra Primorosa" — (fascículo II) — Tréplica a Mário Amaral Navais — pelo Rev. Galdino Moreira. Verdadeira bamba atomica nos arraiais "independentes"

NO PRELO:

"Dicionário Latim-Português e Português-Latim" (em colaboração com o Prof. José Pinto de Carvalho).

E AGUARDEM PARA MUITO BREVE:

OS SERMÕES MAGISTRAIS DO REV. GALDINO MOREIRA!!!

VALIOSO PARECER DO MAIOR CRÍTICO BRASILEIRO:

"Rio 6-12-46

Prezado Prof. Jorge Lyra:

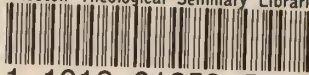
Li os seus belos livros. E esteja certo de que admiro cada vez mais a sua erudição, a sua produtividade, o seu ardar combativo. Dá-me prazer contá-la entre os meus patriotas, entre os meus contemporâneos. Continue... Sempre para frente, para a alto! E muitas felicitações sinceras do

Agripino Grieco".

PEDIDOS à "Casa Lyra Editora" * R. J. A. Oliveira, 1045 * Fone: 9-4307 * S. Paula

Atende-se pedidos acompanhados de Cheque ou Vale Postal.

Princeton Theological Seminary Libraries



1 1012 01258 5164



